

Visado  
pela Comissão  
de Censura

# Ecoss da Franqueira

- AVENÇA

Número avulso  
25 centavos

Redacção e Administração  
Carvalhal — Barcelos

Director, Editor, Administrador e Proprietário

P.º José A. Aires

Publica-se aos Domingos

ASSINATURA: 10\$00 (por ano); 5\$00 (semestre)  
PAGAMENTO ADIANTADO

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

TIP. DA OFICINA DE S. JOSÉ — BRAGA

## RESPIGOS HISTÓRICOS DA ARQUIDIOCESE DE BRAGA

### COLEGIADA DE BARCELOS

Documentos para a sua história

#### DECRETO

Havendo pela Carta Regia de 8 de Agosto de 1859 conservado e organizado a Insigne e Real Colegiada de Santa Maria Maior, da vila de Barcelos, em harmonia com a Lei de 16 de Junho de 1848 e Decreto de 27 de dezembro de 1846; tendo-se cumprido e desenvolvido nos Estatutos os preceitos impostos na dita Carta Regia e na sentença do respectivo Prelado, e não existindo neles disposição contrária aos princípios de direito e ao piedoso fim da mencionada corporação: Hei por bem, conformando-me com o parecer do Conselheiro Procurador Geral da Corôa, conceder a regia aprovação aos referidos estatutos, que baixam com este Decreto e dêle fazem parte, assinados pelo Ministro e Secretário de Estado dos Negócios Eclesiásticos e de Justiça.

O mesmo Ministro e Secretario de Estado assim o tenha entendido e faça executar. Paço em 17 de Novembro de 1864.—Rei—Gaspar Pereira da Silva.

Cópia do 1.º Capítulo dos Estatutos da Insigne e Real Colegiada de Santa Maria Maior, ereta na vila de Barcelos do Arcebispado de Braga, impressos em Barcelos, *Imprensa Comôes*, Largo do Apoio — 1885.

#### CAPÍTULO I DA COLEGIADA

Art.º 1.º — A Colegiada de Santa Maria Maior da vila de Barcelos, que fôra instituída pelo Snr. D. Afonso, Conde de Barcelos e primeiro duque de Bragança no ano de 1433, confirmada pelo Snr. Arcebispo de Braga D. Fernando da Guerra no ano de 1464, e pelo Sumo Pontífice Paulo II no de 1474, e dotada com o título de Insigne pelo quarto Concílio Bracarense no Capítulo 21.º, da acção 3.ª, foi conservada, reduzida, e organizada pela Carta da Lei de 16 de Junho de 1848. Carta Regia de 8 de Agosto de 1859, e Sentença definitiva de 27 de Dezembro de 1859.

§ único.—Continua, portanto, a ser considerada como tal, e a dizer-se: A Insigne e Real Colegiada de Santa Maria Maior da Vila de Barcelos.

Art.º 2.º — O quadro pessoal da Insigne e Real Colegiada de Barcelos é composto do Prior e de Sete Beneficiados, um dos quais tem o título distincto de Chantre.

Art.º 3.º — Os membros de que se compõe esta Colegiada têm as seguintes obrigações:

1.º — Assistência diária ao côro;  
2.º — Coadjuvar officiosamente o Pároco, que é o Prior nas ocasiões de legítimo impedimento, ou quando o trabalho parochial o exigir;

3.º — Celebrar, divididos por semanas, uma missa à Hora de Prima, diária, livre quanto à tenção, e outra à Hora Tércia, aplicada em beneficio espiritual dos benfeitores e fundadores da Colegiada, ambas resadas, exceto nos domingos e dias santificados (ainda abolidos), em que a de Tércia será cantada;

4.º — Administrar o rendimento da Senhora da Soledade, colocada na Capela-mór, e applicá-lo aos fins para que foi destinado.

(Transcrição da publicação feita na «Acção Católica» n.º 8, de Agosto de 1932—(ano XVII)—Braga).

## A BANDEIRA DE BARCELOS

Devido à autoria do Professor e Academico Senhor Afonso Dornelas, Presidente da Secção de Heraldica e Genealogia da Associação dos Arqueologos Portugueses, foi inaugurada solenemente no dia 6 do corrente a Bandeira de Barcelos.

Deve-se pois a este Ilustre Mestre todo o trabalho que traduz nesta Bandeira as reivindicações de que Barcelos tem direito.

Pela nossa parte, aqui deixamos patenteada a nossa gratidão ao Ex.º Sr. Afonso Dornelas pelos bons serviços que prestou a Barcelos.



Nossa Senhora da Franqueira

Carvalhal, 9-5-1933

As festas das Cruzes, tendo sido adiadas para os dias 6 e 7 da semana finda, nem por isso conseguiu a cidade livrar-se da impertinente chuva, que estava apostada em assistir às festas este ano. Devido a isso foram menos os forasteiros.

—Principiram os trabalhos para o calcetamento da estrada da Franqueira, (do lugar de Marecos à igreja desta freguesia).

Dizem-nos serem precisos 800 carros de pedra. Os lavradores de S. Paio deram já o exemplo pois que a semana finda andaram quatro juntas de gado empregadas nessa tarefa.

E' de justiça que sejam secundados pelos lavradores das freguesias circunvisinhas, particularmente Barcelinhos, Alvêlos e Pereira, pois assim o sacrificio seria menor. Carvalhal, tem com effeito, apenas umas 30 juntas que não poderão fazer por si sós todo esse trabalho e prejuizo dos trabalhos agricola.

—No passado domingo recebeu o baptismo na igreja parochial um interessante menino, filho do Snr. Albino F.co Jardim e Ana Ferreira; igualmente, no mesmo dia e á mesma hora era baptisada uma outra criança, filha de José Campêlo e Maria Franqueira: ambas as creanças receberam o nome de Manoel.

—Na passada quarta-feira, dia 3, de visita ao amigo Pinto, foi visto um personagem ilustre... que, ao que consta, veio combinar um pic-nic á Franqueira e providenciar para que não falte o que «alegra o coração do homem, e não desagradá á mulher». A um e a outro desejamos muitas prosperidades.

### Cachorro

Perdeu-se um, no dia 3 do corrente. Se alguém o tiver encontrado, é favor avisar nesta redacção que sabe a quem pertence, offerecendo o seu dono boas alviças. Dá pelo nome de «Moca».

# Crónica da Semana

## Associações de elites.

— Há pouco tempo realison-se em Fátima um retiro espiritual para médicos com uma concorrência animadora. Sua Em.<sup>a</sup> o Senhor Cardial Patriarca dignou-se vir assistir no encerramento do mesmo retiro e presidir à sessão em que foram discutidos e aprovados os Estatutos da Associação dos Médicos Católicos portugueses. Dois factos de suma importância religiosa: médicos a fazerem exercícios espirituais, e médicos a tomarem posição na organização católica associativa.

Não vai longe ainda o tempo em que os médicos gosavam todos a fama de materialistas. Ha uma dúzia de anos quem aventasse a ideia de um retiro espiritual para médicos corria o risco de não ser tomado a sério. Olhem eles, que só lidam com matéria! Mas os tempos vão-se clarificando e desonuvando de preconceitos tolos e respeitos humanos pueris. A ciência deste mundo não ofusca a luz da fé, antes recebe desta pujança de visão. E assim é hoje consolador verificar no campo da alta cultura intelectual a ciência humana a avançar de mãos dadas com a ciência divina!

Mas, não basta crer, é necessário operar também. E os médicos católicos, reunidos em retiro espiritual para cuidar da alma, resolvem fundar uma associação para defesa da sua fé e triunfo da Igreja. E' a acção católica em marcha! Ao dispersarem do retiro de Fátima, cada um ia na vontade forte e insaciavel de caçar colegas para as fileiras do bom combate.

Estas associações das classes intellectuais são muito abundantes no estrangeiro. Entre nós são fenómenos extraordinários; estamos ainda no despertar para a grande luta, a tactear no arranjo e coardenação dos elementos necessários. E ha de levar bastante tempo este movimento preparatório; conhecêmos-lhe o alcance benéfico, mas as nossas resoluções práticas são de pequena velocidade. Defeito de temperamento e de educação.

Pois, os médicos deram um belo exemplo. Deus queira que frutifique e dê calor a outras classes de elite, que muito conviria, era urgente e proveitosissimo, que entrassem no movimento da acção católica.

**Semana da tuberculose.** — Uma semana destinada ao angariamento de donativos, em beneficio de instituições de combate à tuberculose. Esta doença é a grande coveira da humanidade. Não ha familia que não tenha o lar entristecido com a sua devastação. São dignos de louvor todos os esforços para lhe entravar a acção mortífera; são bem applicados todos os subsidios colhidos e destinados a combater o terrível mal, que não poupa edades nem condições sociais, e alastra asustadoramente, sobretudo nos grandes centros populosos.

Infelizmente a ciência ainda avançou pouco nos remédios eficazes para a curar.

São verdadeiras excepções os casos em que a doença fica vencida. E' necessário combatê-la sem tréguas e para isso, dinheiro, muito!

Bem abençoadas as esmolas para esse fim.

**Obra de protecção às raparigas.** — E' uma benemérita organização, que está a lançar raízes no nosso Portugal e a ter um incremento consolador. Aqui em Braga está constituída ha três anos a junta diocesana, que fundou juntas locais em diversas localidades importantes da Arquidiocese e tem correspondentes em muitas terras.

Há necessidade de alargar a sua esfera de acção. Porque ainda não é suficientemente conhecida esta obra, vamos reproduzir de um discurso ultimamente pronunciado em Lisboa, por uma das Directoras da Associação, os seguintes períodos:

«A Associação Católica Internacional, para Obras de Protecção às Raparigas, foi fundada na Suíça, em 1896 por M.me Reynolo. A primeira ideia desta senhora, ao fundar a associação, era proteger as raparigas que na Rússia, Polónia, e Hungria corriam graves riscos. Daí a pouco reconheceu se a necessidade de dar à obra um carácter internacional, para conseguir salvaguardar as raparigas em toda a parte. Passado tempo reuniram-se num Congresso as representantes de vários países e decretou-se que a séde da Associação fôsse em Friburgo e que cada nação tivesse uma delegada na Comité Central.

Antes da guerra já a obra estava fundada em 34 países. No principio apenas se interessava pelas emigradas, mas em breve estendeu a sua actividade a todas as classes de raparigas.

A Obra da Protecção é constituída em cada país por uma Junta Nacional, as Juntas Diocesanas, Juntas locais, e Correspondentes. A Junta Nacional tem por fim dar ao movimento a sua orientação geral mantendo-a dentro de um genuino espirito cristão organizar as juntas diocesanas e coordenar todos os esforços em vista de um fim comum, e ainda manter a ligação com o centro internacional.

As juntas diocesanas são autónomas, podendo, portanto organizar na Diocese as obras que lhe parecerem mais convir às mentalidades e costumes das raparigas. Mas a obra é sempre uma e é preciso que tenham bem presente a frase de Pio XI: «A disciplina para a ordem, a ordem para o progresso». Sem união e disciplina tudo se perde. Só nelas está a força.

As juntas diocesanas deverão ainda dentro da sua região fundar as juntas locais nas terras de maior importância e nomear correspondentes em cada freguesia. Correspondente, juntas locais, juntas diocesanas e junta nacional, tudo trabalha debaixo da direcção da autoridade eclesiástica, representada pelos seus assistentes, nomeados pelos respectivos Prelados, pois a Associação sempre timbrou em ser acima de tudo católica.

O fim da Protecção é proteger as raparigas dos 14 aos 35 anos. E por proteger entende-se em primeiro lugar a protecção moral. Se a obra protege a rapariga materialmente é sobretudo com o fim de facilitar a sua protecção moral. Portanto a obra da Protecção não é uma casa de repouso, não é um hospital, não é um asilo. É sim uma casa de amparo moral às raparigas solteiras dos 14 aos 35 anos.

De ordinário, o primeiro meio de defender a rapariga é retê-la na sua terra. Para isso trabalha a Protecção por meio das correspondentes, a isso as aconselha.

Mostra-lhes os perigos enormes das grandes cidades e o isolamento em que se encontrarão. Se a-pesar-de tudo a rapariga teima em partir, então a Protecção olha por ela no caminho, espera-a no termo da viagem e resguarda-a na cidade, dando-lhe todo o amparo possível. Para isso dispõe de vários meios, como a obra das gares, os escritórios de colocações, a pensão para estudentas e empregadas, e ainda em reuniões mensais na sua séde.

Quanto bem se tem feito com isto!

A obra das gares e sobremaneira importante. Quem não vê o perigo eminente da rapariga ao chegar ao fim da viagem? Cançada moral e fisicamente, desorientada num meio em que tudo desconhece, fica à mercê do primeiro que lhe dirija uma palavra amiga e lhe ofereça um pouco de amparo. E quantas, quantas pobres raparigas se perdem para sempre! Sairam das suas terras em busca da felicidade e vêem para as grandes cidades perdê-la por completo!

Para evitar este perigo a Protecção tem nas principais estações uma delegada, de br-

cadeira branca e amarela, que, previamente avisada pela correspondente, espera a rapariga e a conduz para sua casa, procurando arranjar-lhe colocação.

Ao colocar as raparigas, a Protecção pede às pessoas que utilizam os serviços do escritório que tomem o compromisso: 1.º de deixar às raparigas liberdade e tempo para cumprirem os seus deveres religiosos; 2.º de lhes concederem todas as semanas algumas horas para tratarem das suas coisas; 3.º de lhes dar, pelo menos 7 horas de sono por noite; 4.º de lhes permitir e aconselhar a assistência á reunião que para as criadas se realiza, no 3.º domingo de cada mês; 5.º de, sendo menores, não as deixar sair sozinhas, a não ser para assistir à missa nos domingos e dias santificados e virem ás reuniões.

No escritório de colocação procura-se atender todas as raparigas que vêm solicitar emprego, desde que sejam solteiras, com mais de 14 anos e menos de 35, e que deem boas informações. O mesmo sucede com a pensão, onde, não só hospedam as raparigas que vêm de fora, como também as que em Lisboa se encontram por qualquer circunstancia abandonadas, e por assim dizer em perigo.

Depois, a Protecção interessa-se por quanto diz respeito ás raparigas. A todas pretende acudir e suavisar a miséria. Se estão doentes procura hospitaliza-las, se as emprega e nunca mais as vê aparecer, visita-as onde as colocou. Se estão em perigo dá-lhes a mão e procura, como o bom Pastor, livrar a pobre ovelha das espinhos que tentam feri-la. Se, infelizmente cai, procura ainda encaminhá-la para uma casa de regeneração.

Se os frutos de uma obra houvessem de estar em proporção com as contradicções que ela encontra, estamos no direito de esperar que os da Protecção hão de ser abundantísimos. Tantas são as dificuldades que nos têm surgido no caminho! Mas, como Deus não falta quando por ele se trabalha, essas dificuldades vão-se vencendo uma a uma e a Protecção parece ter entrado num período de desenvolvimento que nas nossas vistas humanas estávamos longe de esperar.

## Inconvenientes

A nova reforma do Registo Civil, destinada a corrigir abusos e inconvenientes, que o primitivo código sancionava e produzia, parece ter apenas agravado uns e outros. A classe dos pobres, introduzida no novo diploma, para efeitos de pagamento de emolumentos, quasi não existe, na prática.

Umaz vezes são as obscuridades da lei, que evitam a applicação dos beneficios, que outorga, outras vezes são os caprichos e espirito de ganancia dos funcionarios, que a comprometem. As *Novidades* andam agora empenhadas em mostrar os abusos que se vão praticando. Eles são numerosos e estão produzindo gravísimos prejuizos de ordem diversa.

Há dias, chegou ao nosso conhecimento o facto seguinte: dois nubentes pretendiam fazer em Famalicão, o respectivo registo de casamento. A Junta de Paróquia atestou, com verdade, que os interessados nada podiam pagar. Pois o funcionario recusou-se a fazer o registo por menos de noventa escudos. Os nubentes vivem juntos, a não constituem um lar regular, porque as exigências da lei ou dos seus funcionarios, lho não consentem. O Estado Novo assenta basilamente, sob a instituição da familia.

Mas com abusos destes poderá porventura fortalecer-se a familia

# VARIEDADES

## AVÉ MARIA

No sino da freguesia  
Três badaladas ouvi;  
Sobre a terra húmida e fria,  
De joelhos, mesmo aqui,  
Oremos, que é findo o dia!  
Avé Maria!

Descendo da serra  
Já o pastor ao curral  
Os fartos rebanhos guia;  
De abundância ao d' hoje igual  
Dá-lhe amanhã outro dia,  
Virgem Maria!

A mãe que o filhinho cria,  
Já no berço o vai deitar:  
Um sono tranquilo envia  
Sobre o seu tecto pousar  
Até ao romper do dia,  
Virgem Maria!

Não deixes a ventania  
As negras asas abrir:  
Do p'riço o nauta desvia  
Dá-lhe uma estrela a luzir  
Como luz o sol de dia,  
Virgem Maria!

Ao triste manda alegria,  
Ao que tem fome dá pão,  
A quem teu nome injuria  
Dá sincera contrição,  
Já antes do extremo dia,  
Virgem Maria!

Ao moribundo abrevia  
As horas do padecer;  
Livra-o da grande agonia,  
Leva-o depois de morrer  
Ao mundo do eterno dia,  
Virgem Maria!

Francisco Palha.

## ARRRRRR!...

Sinto n'este crânio um feixe de borrascas!  
Agitam-me este peito enormes vendavais!  
Sinto-me ir á vela, a desfazer-me em lascas!...  
Tremei de mim, oh vós, que me escutais!!!

Eu fumo canhões krupp, almóço dyminate!  
Palito c'uma espada os dentes de marfim!  
O sangue dos leões é o meu Chateau Lafite!  
Parecem-me veludo as garras d'um mastim.

Para acender a luz, o sol, petisco um raio!  
Para apagá-la emboco um sópro furacão!  
Se tento recitar, se falo, imaginaí-o:  
Um gesto é terremoto! a voz é um vulcão!!!  
E, assim por diante até ao fim!

Arrrrr!!!

Os olhos dos namorados  
Têm um certo não sei quê,  
Que serve de sobrescrito  
A' carta que se não lê

O meu coração voando,  
Dentro do teu foi cair;  
No meio partiu as asas  
De lá não pode sair.

## Reflexões de uns e de outros

O boi solto, lambe-se tódo; quem me dera ser boi.

Um casado.

A semana devia ser composta só de quintas e domingos.

Um escolar.

Assim como chove agua, porque não chove vinho?

Um bebedor.

Estou vingado dos meus credores...

Um defunto.

Tenho feito tantas casas e não tenho uma para eu habitar.

Um alfaiate

## De quem são mais próprios os peixes

Da Maria Cachucha, o cachucho  
Do magarefe, a choupã  
Da cama, a manta

Da cara, sarda  
Do convento, o frade e a freira  
Da madrugadora, a alvor  
Da caixa penhorista, o prego

## De quem são mais próprias as aves

Da parede, o pedreira  
Do jardim, a margarida  
Da cobra, o ferrão  
Do repreendido, o cardo  
Da ferradura, o ferrador  
Do ferro, ferreiro

## Secção charadística

### CHARADAS

#### EM VERSO

Temos em casa ladrão  
— Diz à mulher o Marçal—  
O cachorro dá sinal,—3  
Lá se nos vai o capão.

Não armei o pistolão,  
Deixei aberto o portal ..  
Late mais o animal,  
Adeus Perú e pavão.

Toca a chamar o criado,  
Para zurzir o malvado,  
Sem pena nem sentimento.—1

Nisto; aparece o Gaspar,  
Que "barrado" fez ficar  
O ladrão no seu intento.

Lebricho

#### EM FRASE

Sim, prima. Por causa d'este desgraçado, é que te arreio.—1-3

L. Heitor

Sua perversa! Por quê desdenhava desta "mulher?"—1-2

Por quê? Porque o lugar onde se vende peixe não é próprio para "mulher" de certa categoria.—1-2

Madre Helena

### SINOPADAS (por sílabas)

3—A rapariga ladina sabe lidar com o cilindro de palha.—2

3—E não tem medo das caretas da monja.—2

Nuno 4.º

3—Serve para as crianças aprenderem a andar e para conduzir as imagens.—2

3—Astuto e robusto.—2

Miss Iva

### AUMENTATIVAS

Faz parte da escória da sociedade o filho de uma zorra.—2

Se for morta, é pessoa dissimulada, e se por viva, é pessoa sousa.—2.

H. Raio

### BIFORMES

Eis um fruto almiscarado.—3  
E uma variedade de uva que se espreme n'um almofariz.—2

Agar Ramos

### ENIGMA

Não pode extremos dizer  
A mulher que em si contém;  
Sendo anormal, é de crer,  
Que grande defeito tem.

Lebricho

Dizei, gentis leitoras, se algum dia,  
Comprir fôsse três metros de riscado  
Na casa conhecida por Chiado,  
Com quem fôsse falar, que me diria?

H. Raio

Entre as presas da cadeia,  
Lá está a Zefa Bernarda,  
A quem não sai da ideia  
Bater as asas não tarda.

L. Heitor

## DIRESSÃO GEOGRÁFICA

Enquanto o rei borlas troca  
Na casa do retrozeiro  
Fia a rainha na roca  
Bem juntinha ao fogareiro.

Lebricho

## ENIGMA TIPOGRAFICO



Lebricho

As decifrações dos trabalhos publicados no número 18, são: Golpeada, Anjo, Severo, Seara, Andejo-anjo, Amada-ada, Liberto-Lito, Perda-perdão, cimbra (Coimbra sem o) Serpa e Interrogado.

Lebricho.

## Agulhas e alfinetes

Em Nantes estava um homem na cadeia chamado Francisco Coudroy, cumprindo a pena de 6 meses de prisão por abuso de confiança. Desesperado com a vida, quiz matar-se, mas, como não tivesse à mão nenhuma pistola nem veneno, resolveu engulir tudo quanto lhe estivesse ao alcance.

E assim é, que adocendo e examinado aos Raios X, os médicos puderam descobrir que ele tinha no estomago nada menos que um limpa unhas, três pregos de 8 centímetros de comprimento, um espelho de alibeira, um tinteiro de vidro, duas caixas de agulhas, cinquenta alfinetes, a chave duma lata de sardinhas e quarenta botões.

Levaram-no para o hospital e ali foi alimentado com algodão hidrófilo, manteiga e doce de compota.

Com este tratamento o homenzinho conseguiu pôr fóra, sem inconveniente, todo aquele arsenal, à excepção dum prego e duma caixa de agulhas.

Apesar d'isso o Sr. Condroy continua vivo e como se nada fôsse com ele.

Os médicos que o tratavam, estão espantados, porque nunca viram cousa semelhante.

Mas melhor estômago do que este homem, tem certa gente que engole quantas patranhas e carapetões se lembram de lhes impingir contra a religião e contra os padres.

Há jornaizinhos por esse país fóra que, dizendo-se amigos do povo, não fazem outra coisa senão atacar a religião católica, quando afinal é ela a unica amiga verdadeira dos pobres, dos que sofrem, dos que trabalham, dos que tem fome e sede de justiça!

E, caso extraordinário, essas pêtas tantas vezes repetidas e desmentidas e refutadas, encontram sempre mais ou menos quem lhes dê crédito.

Triste condição do espirito humano!

Só se é feliz pela esperança ou pela recordação; para diante ou para trás de nós a felicidade está sempre longe.

C. Diane,

Há muitas pessoas cuja facilidade em falar provém apenas da impossibilidade de estarem caladas.

Bergorac.

## As Termas do Eirogo

Como sabemos que na imprensa local se está ventilando a necessidade de a nossa Câmara promover a exploração condigna destas aguas sulfurosas, o que, com certeza vem concorrer a um rápido desenvolvimento turistico da cidade, parece-nos oportuna a occasiã de fornecer elementos que deem força ao patrocínio do assunto, fazermos a seguinte transcrição

**GALEGOS — PORTUGAL.**— *Aguas frias hiposalinas, bicarbonatadas sodicas, azotadas sulfidicas.*

No distrito de Braga e concelho de Barcelos, a 5.100 metros ao N. desta cidade, 25 K. a O. de Braga e 360 ao N. de Lisboa, fica a freguesia de Santa Maria de Galegos com os seus 610 habitantes.

O clima ameno e saluberrimo, e o sitio pitoresco e agradável contribuem para a importância desta estação, que bem podia rivalisar com as melhores do estrangeiro se no nosso paiz houvesse iniciativa, de cuja falta provem tantas perdas e atrazos.

A nascente está situada no logarejo dos Castanheirinhos da freguesia de Galegos, a 725 metros a S. E. de uma outra nascente identica, noutro lugar indicado com o nome de Lijó ou Mosqueiro. Brota a poucos metros da estrada e da ribeira do Eirogo em nivel inferior ás aguas deste riacho, no fundo dum poço quadrangular de 2<sup>m</sup>,56 por 2<sup>m</sup>,65 na abertura interna, tendo por base a rocha viva, irregular e granítica, e por grandes laterais massames de cantaria, com pouco esmero construidos e ligados.

Este tanque destapado exteriormente e exposto à acção do ar e do tempo, foi construido a expensas do município.

As aguas surdem dentre as fendas de granito biotitomuscovítico, cinzento claro e de grão médio contendo quartzo, orthoclase, plagioclase, biotite e muscovite.

Parecem provir de diversos mananciais, cujas temperaturas não serão completamente eguaes. Nos regos, por onde passam deixam no fundo pequenos agrupamentos brancos, filamentos inconsistentes e fluctuantes, formados de enxofre proveniente da oxydção do hidrogenio do seu sulfidrico.

O volume das águas produzidas em 24 horas pela nascente de Galegos pode computar-se em 47 000 litros, em parte aproveitados para a irrigação de terrenos visinhos, e em parte conduzidos sobre canais de madeira, para dentro duma casa de banhos a uns cem metros de distancia do tanque matriz, donde correm por um orificio, a pouca altura aberto, para o terreno sub-jacente.

Quasi encostado ao poço existe um forno, toscamente construido, contendo uma caldeira de ferro na qual a fogo directo são aquecidas as aguas sulfurosas que vão alimentar um modestissimo balneario contiguo.

Este é feito de madeira com uma só tina de pau, onde os banhos são fornecidos pelo preço de 30 reis, aos quinhentos dentes que por ano ali afluem. Atendendo a inalterabilidade proveniente da sua baixa temperatura, e ás reconhecidas propriedades curativas destas aguas, pensa-se em conduzi-las por canalização de grês, conjuntamente com as do Mosqueiro, até Barcelos, onde se edificará um grande estabelecimento hidro-mineral. Se tal condução se fizer conservando os canos constantemente cheios de liquido, e cuidando para a inalterabilidade do cimento das junta evite a acção ds ar dentro dos 5.000 metros de tubagem, e se a nascente for melhor captada na origem poderia a quele estabelecimento dispor de mais de 60.000 litros de tão preciosas águas por dia.

Oxalá que dentro em pouco tempo tão louvável empenho tenha condigna realisação.

As aguas em regra limpidas, tornam em determinadas condições meteorologicas um aspecto esbranquiçado.

Tem cheiro sulfidrico caracteristico fraco, sabor pouco pronunciado, a um tempo sulfureo e salobro alcatino, e são atravessadas por bolhas pequenas de acido carbonico e outras maiores de azoto quasi quimicamente puro.

A sua temperatura é de 21°,25, sendo de 16°,75 a do ar á sombra, e 15° a da agua da ribeira do Eirôgo contigua á nascente. Segundo a análise feita em 1888 pelo illustre professor de quimica o Sr. José Julio Rodrigues a sua densidade a 18° é de 1,000682, e em cada 1.000 grammas há um residuo sólido pesando 0,427190 e os seguintes corpos, além dos gazes azoto e acido carbonico, que não foram dosados, e de vestigios de iodo, acido fosforico, barita e materiais organicas:

Acido sulfidico . . . . .	0 007619
Bicarbonato de soda . . . . .	0,152818
— magnesia . . . . .	0,005321
— ferro . . . . .	0,001074
— manganez . . . . .	0,001064
Cloreto de sodio . . . . .	0,138409
— lithio . . . . .	0,001228

Sulfato de soda . . . . .	0,875429
— potassa . . . . .	0,012570
— cal . . . . .	0,035224
— estroñciana . . . . .	0,000278
Brometo de sodio . . . . .	0,000330
Albumina . . . . .	0,000552
Silica . . . . .	0,061250

Há cerca de sessenta anos que estas aguas são com proveito utilizadas em banhos no tratamento de muitas doenças cutaneas e reumaticas, assim como de certas nevralgias o doenças do aparelho pulmonar.

**Itinerário**—Pela linha de ferro do Minho desde o Porto até à estação de Barcelos, ou ao apeadeiro de Carapeços que pouco dista do local das aguas.

**Lijó**—Portugal: Minho. Nos lugares de *Mesqueiros e Galegos* da freguesia de Lijó, concelho de Barcelos, brotam 50 metros de distancia nascentes de agua sulfurea fria, limpida, de cheiro de ovos chocos: "Mil grammas de água da fonte de *Mesqueiros* deram ao Sr. Dr. Agostinho Vicente Lourenço 0,80081 de acido sulfidrico e 0,8472 de residuo solido, formado de sulfatos e cloretos alcalinos, de cal, de magnesia, e pequena quantidade de ferro, alumina e silica.

Calcula-se em 500 ou 600 o número das pessoas que frequentam annualmente estas Caldas, que são especialmente recomendadas nas molestias cutaneas.

Ha duas pequenas tocas, uma em *Mosqueiros*, e outra em *Galegos*, onde existem tinas de madeira para os banhos.

A agua é aquecida em caldeiras de cobre. A maior parte das pessoas tomam os banhos em casas particulares.

Julga-se que o volume da água não excede 50 000 litros em 24 horas. A estação dura desde fins de Junho até fins de Outubro. A Comunicação mais cômoda é por Barcelos, donde se pode ir em carruagem até ao lugar dos banhos.

*Vide Compendio das Aguas Minerais que faz parte integrante do Formulario e Guia Médico do Pedro Luiz Napoleão Chernoviz, 1904, 17.ª edição, a pag. 1271, 1272, 1288 e 1289.*

Fra Casil.

## Carta de Barcelos

As festas das Cruzes — «Festas da cidade». — Foram pouco animadoras devido ao tempo, bastante invernoso.

— Vimos nesta cidade o Sr. Dr. Baltazar de Castro, muito illustre director dos Edificios e Monumentos Nacionais no Norte do País, o qual veio conferenciar, sobre as obras e certa orientação a dar ao Museu Arqueológico Municipal, com o seu representante em Barcelos, o nosso bom amigo Augusto Soucasaux.

Segundo ouvimos dizer Sua Ex.<sup>a</sup> ficou satisfeittissimo com tudo quanto o amigo e Sr. Soucasaux ali tem feito.

Parabens.

— Fala-se na organização de uns grandes festejos que, em Agosto futuro, tomem as festas das «Bodas de Ouro» dos Bombeiros Voluntários Barcelenses, mais grandiosas possíveis.

Bom é que isto se dê para contrabalançar o comércio local dos prejuisos que teve por occasião das Festas das Cruzes, devido ao mau tempo que as prejudicou enormemente.

Vamos colher informes seguros sobre estes projectados festejos e deles nos ocuparemos em especial.

Dizem-nos que na Capela da Senhora da Ponte foi mandada colocar pela nossa Câmara uma placa a qual não corresponde à verdade do que se quer referir.

E' pena que antes de se tomar resoluções desta natureza, não se tenha ouvido a opinião de gente competentemente autorizada para não sair asneira como já tem acontecido.

Também sobre este assunto, havemos de em secção especial, fazer as merecidas apreciações. — C.

## “Ecos da Franqueira,”

Encontram-se na C.<sup>a</sup> Editora do Minho, Barcelos, os recibos, dos assinantes deste Semanário a quem pedimos encarecidamente o obséquio de os procurar, afim de nos evitar as despêsas do correio.